

## A URGÊNCIA DE NOVAS IDEIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

### THE URGENCY OF NEW IDEAS TO DELAY THE END OF THE WORLD

Aline Cristina Miranda<sup>1</sup>

Nunca a humanidade esteve tão próxima do seu fim quanto no ano de 2020. Apesar da constante ameaça de novas guerras entre países em nome do avanço econômico, científico, tecnológico, agora foi a vez da natureza mostrar, da pior forma, o seu poderio e evidenciar o quão alienado estão os homens na condução da vida na Terra.

Essa “humanidade” é o cerne dos questionamentos do livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, do indígena ativista Ailton Krenak (São Paulo: Companhia das Letras, 2019, 82 p.), pequeno em tamanho, mas enorme em potentes reflexões.

A obra se divide em três (3) capítulos que retratam as palestras proferidas pelo autor entre os anos de 2017 e 2019, na capital de Portugal, Lisboa. O autor decide ir a dois eventos que ocorreram no país europeu, apesar da grande relutância em estar presente entre aqueles que, historicamente, colonizaram e trouxeram tantos malefícios ao seu povo.

No primeiro capítulo, *Ideias para adiar o fim do mundo* o autor expõe os motivos que o levaram, pela primeira vez, a cruzar o oceano e ir ao encontro daqueles que trouxeram dor ao seu povo e questiona: “*Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício do ser?*” (p. 14). Krenak desvela as diversas facetas que estão por detrás da ideia de humanidade criada pela raça humana, tão confiante em suas instituições, organizações, agências e corporações que não se dão conta de que essa humanidade, além de não ser suficiente para a garantia da sobrevivência da espécie humana, está sendo esvaziada em nome da artificialidade da vida provocada pela exploração massiva da natureza em detrimento da produção em cadeia para o consumo. Enquanto isso, são rotulados como marginalizados “*aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade*” (p. 21), que ainda preservam o cultivo da vida na terra e precisam resistir, constantemente, para continuar desenvolvendo seus próprios modos de sobrevivência.

---

<sup>1</sup> [alinecristina032@outlook.com](mailto:alinecristina032@outlook.com)

No segundo capítulo, *Do sonho e da terra*, Krenak denuncia, de maneira muito simples e objetiva, que esse ideal de humanidade expresso por essas instituições, corporações, núcleos e entidades que visam à integralização de todos os povos, de forma homogeneizante, suprime as diferenças, as subjetividades, os modos de vida. No tocante aos indígenas, que preservam um relacionamento íntimo com a terra, a cada prenúncio de desenvolvimento dessa humanidade, eles sentem a perda de espaços, a invasão de suas subjetividades e a interferência na sua cultura, cada vez mais forte. A palavra Krenak tem apenas duas sílabas, porém elas dizem muito sobre este povo, a primeira, *kre*, quer dizer cabeça e a segunda, *nak*, significa terra. Segundo o autor “*Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeças da terra”*” (p. 48). Desde o seu nome, a tribo expressa a sua intensa relação com as manifestações da natureza, seja pela terra, pelo rio ou pelo ar. O autor cita o crime ocorrido na cidade de Barra Longa – Mariana, localizada no estado de Minas Gerais que, após o rompimento de uma barragem de contenção de minério de ferro, atingiu as margens do Rio Doce, em Minas Gerais, até desembocar no mar, no Espírito Santo.

Com isso, além da degradação ambiental, esse crime adoeceu esse rio que, para a cultura indígena, não é apenas um rio, ele é uma pessoa, chamado de *Watu*, o avô dos Krenak. Portanto, este vínculo não é apenas territorial ou de espaço, conforme é discutido na mídia, por exemplo. É elo com a natureza, e a humanidade agrupada em nichos de mercado não é capaz de compreender.

No último capítulo, *A humanidade que pensamos ser*, o autor aponta que esse fim do mundo tem várias perspectivas e são ancoradas na prerrogativa da humanidade. Contudo, o fim do mundo é diferente para as pessoas. Como elas não têm construído a mesma ideia de mundo, este fim, também, não poderia ser diferente. Há aqueles que consideram o fim do mundo, a perda do poder de compra, outros, a falta da qualidade do ar que respiram, e tem aqueles que têm como fim, a vida. Para Ailton Krenak, o fim do mundo é aquele que desmorona a zona de conforto, “*talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder*” (p. 60). A proposta do autor no livro é a retomada do ser humano para a natureza, de forma que ele se veja pertencente a ela, como os indígenas, por exemplo. Dessa forma, os indígenas, considerados como quase-humanos, não sejam os primeiros a serem exterminados pelas epidemias, pela pobreza, pela fome, pela violência e pelo descaso. Na atual guerra epidemiológica que o mundo enfrenta, o Brasil, com toda a sua humanidade, ainda não conseguiu prover o mínimo de assistência de saúde para eles e continuam a repetir o rastro de morte do século XVI com a chegada dos europeus.

Portanto, novas ideias são necessárias, pois a ideia de humanidade em cima da destruição daquilo que não é considerado pertencente ao “humano” reproduz mortes, doenças, descasos e a destruição em nome da permanência de pequenos momentos de prazer de uma sociedade em colapso.